

# Catequese Jubileu: 26. A morte

No seu encontro semanal com os peregrinos reunidos na Praça de São Pedro, o Papa explicou que, na Cruz, Cristo transformou a dor numa oração de esperança.

10/09/2025

**Ciclo de Catequese – Jubileu 2025.  
Jesus Cristo, Nossa Esperança. III.  
A Páscoa de Jesus.**

**6. A morte. “Jesus, soltando um forte grito, expirou” (Mc 15, 37)**

---

*Estimados irmãos e irmãs!*

Bom dia e obrigado pela vossa  
presença, um bonito testemunho!

Hoje contemplamos o ápice da vida  
de Jesus neste mundo: a sua morte  
na cruz! Os Evangelhos atestam um  
detalhe muito precioso, que merece  
ser contemplado com a inteligência  
da fé. Na cruz, Jesus não morre em  
silêncio. Não se apaga lentamente,  
como uma luz que se consome, mas  
deixa a vida com um grito: «*Jesus,  
dando um forte grito, expirou*» (Mc  
15, 37). Aquele brado encerra tudo:  
dor, abandono, fé, oferenda. Não é  
apenas a voz de um corpo que cede,  
mas o último sinal de uma vida que  
se entrega.

O grito de Jesus é precedido por uma  
pergunta, uma das mais dilacerantes

que podem ser pronunciadas: «*Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*». É o primeiro versículo do Salmo 22, mas nos lábios de Jesus adquire uma importância singular. O Filho, que sempre viveu em íntima comunhão com o Pai, experimenta agora o silêncio, a ausência, o abismo. Não se trata de uma crise de fé, mas da última etapa de um amor que se oferece até ao fim. O clamor de Jesus não é desespero, mas sinceridade, verdade levada ao limite, confiança que resiste até quando tudo se cala.

Naquele momento, o céu obscurece-se e o véu do templo rasga-se (cf. *Mc* 15, 33.38). É como se a própria criação participasse dessa dor e, ao mesmo tempo, revelasse algo novo: Deus já não habita atrás de um véu, agora o seu rosto é plenamente visível no Crucificado. É ali, naquele homem angustiado, que se manifesta o maior amor. É ali que podemos

reconhecer um Deus que não permanece distante, mas atravessa a nossa dor até ao fim.

O centurião, um pagão, comprehende-o. Não porque ouviu um discurso, mas porque viu Jesus morrer daquela maneira: «*Este homem era verdadeiramente Filho de Deus!*» (Mc 15, 39). É a primeira profissão de fé depois da morte de Jesus. É o fruto de um brado que não se dispersou no vento, mas tocou um coração. Às vezes, o que não conseguimos proferir com palavras, expressamos com a voz. Quando o coração está cheio, clama. E isto nem sempre constitui um sinal de fraqueza, mas pode ser um ato profundo de humanidade.

Estamos habituados a pensar no grito como algo descontrolado, a reprimir. O Evangelho confere ao nosso grito um valor imenso, recordando-nos que pode ser

invocação, protesto, desejo, entrega. Pode ser até a forma extrema da oração, quando já não temos palavras. Naquele clamor, Jesus colocou tudo o que lhe restava: todo o seu amor, toda a sua esperança!

Sim, porque também isto está ínsito no grito: uma esperança que não se resigna. Grita-se quando se acredita que alguém ainda pode ouvir. Grita-se não por desespero, mas por desejo. Jesus não gritou *contra* o Pai, mas *para* Ele. Até no silêncio, estava convencido de que o Pai se encontrava presente. E assim, mostrou-nos que a nossa esperança pode gritar, até quando tudo parece perdido.

Então, gritar torna-se um gesto espiritual. Não é unicamente o primeiro ato do nosso nascimento – quando viemos ao mundo chorando – é também uma maneira de permanecer vivo. Grita-se quando se

sofre, mas também quando se ama, quando se chama, quando se invoca. Gritar é dizer que estamos presentes, que não queremos apagar-nos no silêncio, que ainda temos algo a oferecer!

No caminho da vida, há momentos em que guardar tudo dentro pode consumir-nos lentamente. Jesus ensina-nos a não ter medo do grito, desde que seja sincero, humilde, orientado para o Pai. Quando nasce do amor, o brado nunca é inútil. E nunca é ignorado, se for oferecido a Deus. É um modo de não ceder ao cinismo, de continuar a acreditar que outro mundo é possível.

Amados irmãos e irmãs, aprendamos também isto do Senhor Jesus: aprendamos o clamor da esperança quando chega a hora da extrema provação. Não para ferir, mas para nos confiarmos. Não para gritar contra alguém, mas para abrir o

coração. Se o nosso brado for verdadeiro, poderá ser o limiar de uma nova luz, de um novo nascimento. Como para Jesus: quando tudo parecia acabado, na realidade a salvação estava prestes a começar. Se for manifestada com a confiança e a liberdade dos filhos de Deus, a voz sofrida da nossa humanidade, unida à voz de Cristo, pode tornar-se nascente de esperança, para nós e para quantos estiverem ao nosso lado.

Libreria Editrice Vaticana

---

pdf | Documento gerado  
automaticamente a partir de [https://  
opusdei.org/pt-pt/article/catequese-  
jubileu-26-a-morte/](https://opusdei.org/pt-pt/article/catequese-jubileu-26-a-morte/) (01/02/2026)